

Sob três bandeiras. Anarquismo e imaginário anticolonial

Além de viverem no turbulento período de formação dos novos impérios e de crise dos velhos, que conexões existem entre anarquistas italianos e espanhóis, revolucionários belgas e franceses, nacionalistas filipinos e cubanos? É de conexões fecundas entre intelectuais e militantes de países, tendências, movimentos e ambientes que somos acostumados a pensar com pouca ou nenhuma relação entre eles, que Benedict Anderson trata na sua obra recente, *Under three flags. Anarchism and the anti-colonial imagination*.

O livro mostra como o nacionalismo, sobretudo no mundo colonizado, atravessa uma fase intensa de elaboração no período imperialista, definida por Anderson como “Era da Primeira Globalização”. Um contexto

no qual o fazer-se do nacionalismo se compõe de experiências transnacionais ou, mais exatamente, “transcontinentais” de militância política e sociabilidade cultural, que possibilitam a construção de idéias de nação marcadas por uma caracterização identitária cosmopolita e internacionalista, na qual o movimento anarquista, geralmente tido como antagônico do nacionalismo, desempenha papel fundamental.

Anderson enfrenta com erudição e sagacidade o desafio de elucidar o entrelaçamento de diferentes manifestações nacionalistas, apoiando-se no método comparativo e usando o paradigma indiciário, as técnicas filológicas e o cruzamento de fontes variadas, particularmente a literatura da segunda metade do século XIX.

Luigi Biondi: Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas e professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Ex-professor visitante da Universidade Federal do Ceará.

ANARQUISMO E IMAGINÁRIO ANTICOLONIAL

Em *Comunidades imaginadas* (2008) e *The spectre of comparisons* (1998), a nação se afirma sobre outras identidades comunitárias com a progressiva expansão do capitalismo e a destruição da legitimidade do reino dinástico de origem divina, tem sua liberdade assegurada pelo Estado soberano, se constrói mediante laços emocionais que estabelecem “profunda camaradagem horizontal” (2008:34) e é “universal e inseparável do internacionalismo” (1998:2). Assim como nas suas obras precedentes, em *Under three flags*, Anderson contrapõe à idéia da gestação eurocêntrica do nacionalismo a noção globalizada, enraizada também no sentimento anticolonial e antiimperialista, e, ao mesmo tempo, externa ao mundo europeu, mas, evidentemente, em conexão dialógica com este.

Neste livro, após décadas de estudo do Sudeste asiático, Anderson se dedica à gênese e mútua formação de dois nacionalismos: o filipino e o cubano. Porém, como o próprio título mostra, há um elemento novo na sua idéia de formação globalizada do nacionalismo, que aparece nos últimos trinta anos do século XIX: trata-se do movimento anarquista.

Conforme a tese de Anderson,

anarquismo e nacionalismo estabelecem múltiplos contatos entre e graças a suas respectivas redes transnacionais, influenciando-se mutuamente nas práticas de ação e na elaboração de um movimento antiimperialista global, que se apóia tanto no patriotismo nacionalista, quanto na força antiestatalista, anticlerical e revolucionária do anarquismo. A perspectiva analítica histórica de Benedict Anderson mostra também quanto o anarquismo tinha herdado do radicalismo nacional da primeira metade do século XIX, sobretudo no referente ao insurrecionalismo, à ação individual dos atentados contra autoridades políticas e às idéias de nação popular e de coexistência das nações, que no anarquismo vão contribuir para a elaboração do próprio internacionalismo e antibelicismo.

Não por acaso, as três bandeiras do título aparecem na capa desta edição dispostas de modo que o estandarte negro do anarquismo fique entre a bandeira do Katipunan, organização independentista filipina (1892-1896) que prepara a revolução de 1896-1898, e a bandeira nacional cubana. Para Anderson (2005:2), a “força gravitacional do anarquismo” explica as origens do nacionalismo anticolonial e por isso

sua escolha de estudar Cuba e Filipinas, nos últimos trinta anos do século XIX. A independência põe fim ao jugo da Espanha, mas não se completa realmente devido à presença estadunidense, que está construindo seu império e condicionará fortemente a liberdade das duas nações.

A força do nacionalismo reside, justamente, na sua capacidade de articulação com outros movimentos políticos e sociais em modos, lugares e tempos diversos, absorvendo muitos dos aspectos teórico-culturais destes e das suas práticas, de modo que somente pode ser compreendido numa perspectiva global. Se a insurreição anticolonial norte-americana foi possível graças às derivações e conexões com o iluminismo escocês, e as independências latino-americanas são inseparáveis das correntes liberais e republicanas, quanto mais os nacionalismos antiimperialistas, que têm conexões com movimentos, culturas e idéias do fim do século XIX. Após o colapso da Primeira Internacional (1864-1876) e a morte de Marx (1883) até a revolução russa de 1917, o anarquismo tornou-se o elemento dominante da esquerda internacionalista radical. Antiestatal, anticlerical e libertário, o anarquis-

mo via como sujeitos potencialmente revolucionários todos os trabalhadores, independentemente de serem camponeses ou operários; sua ênfase nas liberdades individuais atraía a intelectuais e artistas. O antiimperialismo arraigado dos anarquistas os levava a ter muitos pontos de contato com os nacionalistas das colônias.

A “Primeira Globalização”, proporcionada pelas enormes melhorias nos transportes e nas comunicações, e caracterizada pela intensificação dos contatos entre pessoas e países, com as conquistas coloniais e migrações em massa, criou o ambiente para a difusão e conexão do nacionalismo e do anarquismo. Segundo Anderson, estes movimentos existem e se desenvolvem num plano nacional, mas estão ligados por uma complexa estrutura de redes globais. Evidentemente, são ao mesmo tempo nacionais e transnacionais.

Como se sabe, a primeira grande ação política global de trabalhadores foi organizada por anarquistas: os atentados contra governantes ou para detonar levantes em massa têm seu auge nas duas últimas décadas do século XIX. Em *Under three flags*, ao mapear o histórico destes atentados, cujos mar-

ANARQUISMO E IMAGINÁRIO ANTICOLONIAL

cos são os assassinatos do czar Alexandre II (1881) e do arquiduque Francisco Ferdinando (1914), Anderson mostra como vai se gerando direta e indiretamente uma coordenação internacional.

Principal objeto da análise no livro, os levantes nacionalistas de Cuba (1895) e das Filipinas (1896) são explicados por este contexto político radical cada vez mais globalizado, demonstrando as conexões efetivas, embora até hoje pouco consideradas, entre nacionalistas de dois continentes e a militância anarquista. A partir de indícios, Anderson busca estabelecer as ligações teóricas possíveis neste mundo, graças à difusão da imprensa e ao aumento da alfabetização, revelando os vínculos pessoais que permitiram a troca de experiências e idéias entre anarquistas e nacionalistas filipinos e cubanos. Estes últimos, aliás, não somente tinham conexões pessoais, mas frequentemente agiram em conjunto com porto-riquenhos e dominicanos. Tal “coordenação transglobal”, no dizer de Anderson, ocorreu não nos locais das insurreições, mas em cidades cosmopolitas como Paris, Londres, Hong-Kong e Nova York.

O estabelecimento de intensas circularidades e conexões caracte-

rizou o período: nacionalistas chineses e filipinos acompanharam a guerra antibritânica dos Boers (1880-1881 e 1899-1901) e os eventos cubanos, enquanto estes últimos e os filipinos encontraram seus maiores aliados na Europa entre os anarquistas franceses, italianos, belgas, britânicos e espanhóis, em nome de um ideal de revolução cujo denominador comum era a luta antiimperialista e contra a repressão dos Estados. Um dos núcleos da análise de Anderson é, obviamente, a Espanha, onde mais que em outros locais se cruzam os destinos de nacionalistas, anarquistas, radicais e republicanos, que compartilham suas trajetórias de vida e de ação política.

Anderson centra sua análise em torno das figuras de três nacionalistas filipinos: o romancista José Rizal (1861-1896), considerado um dos pais da nação; o jornalista Isabelo de Los Reyes (1864-1938), autor de uma pesquisa antropológica pioneira, *El folk-lore filipino* (1887), e Mariano Ponce (1863-1918), um dos principais organizadores do nacionalismo filipino.

Com o intuito de evidenciar como experiências transnacionais têm sido fundamentais na construção do imaginário nacionalista, Anderson

examina com profundidade a vida e a obra de Rizal. Ao invés de focar o romance *Noli me tangere* (*Não me toque!*), datado de 1887 e tido como narrativa crítica da dominação espanhola nas Filipinas, o autor se concentra sobre a complexa produção de *El filibusterismo* (*A subversão*), publicado em 1891 na Europa. Apesar do subtítulo de “novela filipina”, que explicita sua mensagem nacionalista, *El filibusterismo* é para Anderson um romance menos nacional e regional que o primeiro, porém mais efetivo na sua ação nacionalista e, ao mesmo tempo, fruto de uma visão globalizada e anticolonial. Nele estão presentes não somente Espanha e Filipinas, mas França, Estados Unidos, China e Cuba, tendo como pano de fundo o imperialismo da Alemanha de Bismarck, o niilismo russo, o anarquismo em Barcelona e na Andaluzia (o movimento andaluz “La Mano Negra”, 1883-1888, repercutiu fortemente na última parte de *El filibusterismo*). A apropriação do nacionalismo anticolonial nos moldes literários imaginados por Rizal tornou-se uma operação fundadora de manifestações nacionalistas realmente atuantes.

Para melhor entender a obra de Rizal, Anderson acompanha suas

múltiplas leituras e relações durante a estada na Espanha, França, Alemanha, Inglaterra e Bélgica, onde vive e estuda entre 1882 e 1891, com uma breve passagem nas Filipinas. Neste período, Rizal faz amizade com o republicano e proudhonista catalão Pi y Margall e com Miguel Morayta, grã-mestre da maçonaria espanhola e seu professor de história, e participa do jornal nacionalista filipino *La Solidaridad*, publicado na Barcelona do despertar do movimento operário e da atuação anarquista. Os jornais anarquistas *La Acracia* e *El Productor* e o jornal *El Socialista*, do Partido Socialista (marxista) dirigido por Pablo Iglesias, começam a circular. Para Rizal, esta é ainda a fase de saudade da terra natal e do despertar da consciência de sua diversidade “nacional”, acima das diferenças étnicas, tanto que o jornal do qual ele participa é publicado por crioulos, mestiços e malaios, que começam a se definir, simplesmente, como filipinos.

Na volta à Manila, em 1891, Rizal funda a primeira organização nacionalista, *La Liga Filipina*, que tem como ponto principal a independência das ilhas e sua formação como um único país. Em 1892 é aprisionado e, logo após o levante

ANARQUISMO E IMAGINÁRIO ANTICOLONIAL

de 1896, é executado. Anderson evidencia as conexões e similitudes entre as trajetórias de Rizal e José Martí, revolucionário nacionalista cubano, morto em combate no ano de 1895, e como os emergentes imperialismos dos Estados Unidos, do Japão e da Alemanha vão se conectando aos levantes de Cuba e Filipinas.

As páginas dedicadas a Isabelo de Los Reyes são elaboradas por Anderson mediante uma multifacetada explicação da sua trajetória global. Pouco depois do levante de Katipunan (1896), Isabelo é enviado para a prisão do Montjuic, em Barcelona, onde se depara com o movimento anarquista local, sujeito à repressão do ministro Cánovas. Neste ponto as conexões se multiplicam e, assim, é possível perceber como a derradeira crise do império espanhol – e a força dos nacionalismos que contribuíram para este desfecho – se entrelaça com o surgimento do movimento trabalhista organizado, a capilaridade da rede anarquista mundial, suas ligações com as vanguardas artísticas e algumas personalidades mediadoras entre estes mundos, como o anarquista cubano Tárrida del Mármol e o médico republicano porto-riquenho Ramón Betances.

Tárrida era um dos presos de Barcelona, logo libertado e que se exilou em Paris, onde iniciou uma campanha contra o regime de Cánovas nas páginas da *Revue Blanche*, de Feliz Fénéon, importante revista cultural e politicamente próxima do anarquismo. Sua campanha, denunciando a repressão na Espanha e nas colônias de Cuba, Porto Rico e Filipinas, deu volta ao mundo. De acordo com Anderson, o assassinato de Cánovas (1897) pelo anarquista italiano Michele Angiolillo estaria relacionado às frequentes visitas do autor do atentado ao doutor Ramón Betances. Este mantinha vínculos pessoais com nacionalistas antilhanos, filipinos, anarquistas e republicanos radicais italianos e franceses, constituindo-se em uma espécie de “ponte intelectual” entre as lutas anticolonialista contra a Espanha e antiimperialista contra os Estados Unidos, como também entre o nacionalismo “garibaldino” de 1848 e o socialismo federativo da Comuna de Paris de 1871 com os nacionalismos e socialismos do final do XIX.

Quando Isabelo retornou às Filipinas, em 1901, após quase três anos de militância nacionalista no exílio na Espanha, trouxe consigo a experiência anarquista de organiza-

ção dos trabalhadores espanhóis e a difusão dos escritos de Malatesta, Kropotkin e Bakunin: não era mais o anarquismo da propaganda, mas o das uniões operárias. Inspirado no sindicalismo barcelonês fundou o primeiro sindicato filipino, a *Unión Obrera Democrática*, início de uma atividade organizativa que juntou luta de classes e nacionalismo antiimperialista, na qual as greves assumiam um sentido nacionalista ao se alastrar, particularmente, entre as empresas estadunidenses nas Filipinas. Assim, é, sobretudo na figura de Isabelo que se juntam o anarquismo e o nacionalismo filipino, para o qual ele contribuiu enormemente na elaboração de uma identidade nacional e de uma história nacional com os estudos sobre o folclore das ilhas Filipinas antes de sua migração temporária à Espanha.

No respeitante a Mariano Ponce, sua trajetória se concentra por muitos anos na Ásia, constituindo-se, para Anderson, como complementar à formação transnacional de Isabelo, que ocorreu principalmente entre as Filipinas e a Europa. Ponce, que deixou a Espanha em 1896, viveu, como representante do governo revolucionário filipino, entre Hong-Kong e Yokohama, pondo em contato o mundo asiático

(mantinha relações freqüentes com o nacionalista chinês Sun-Yat-Sen, por exemplo) com os núcleos de nacionalistas filipinos e militantes radicais de outras nacionalidades. Sua rica correspondência evidencia uma rede de contatos que ia do México e Nova York até Barcelona, Paris, Londres, Amsterdã, passando por Xangai, Tóquio e Cingapura: um verdadeiro nacionalista transcontinental. Em 1909, ao voltar às Filipinas e se tornar diretor do *El Ideal*, órgão do Partido Nacionalista, já era figura notável do nacionalismo filipino, tendo construído sua militância entre a emergência do multifacetado nacionalismo chinês (que, em 1911, realizará a revolução nacionalista chinesa) e do imperialismo japonês (em 1905, o fim da guerra russo-japonesa levará à expansão nipônica na Manchúria e na Coréia).

Pode-se concluir dizendo que, embora às vezes pareçam tênues as ligações entre os três nacionalistas filipinos e os multiformes mundos que, segundo Anderson, moldaram a construção deste imaginário anticolonial, o final do século XIX foi efetivamente uma encruzilhada no fazer-se do radicalismo internacional, entre nacionalismo, republicanismo, socialismo e anarquismo.

ANARQUISMO E IMAGINÁRIO ANTICOLONIAL

O livro de Anderson faz lembrar outras experiências e uma delas é, certamente, a guerra grego-turca de 1897. A insurreição para libertar Creta da dominação otomana relacionava a Ásia mediterrânea e islâmica com o colonialismo europeu nesta área, o nacionalismo grego, o radicalismo nacionalista na Itália e o anarquismo nos últimos anos do fim do século XIX. Em diversos países europeus, sobretudo na Itália, apesar da oposição dos governos, alastrou-se um movimento de apoio às pretensões nacionalistas gregas. Um grupo de veteranos de Garibaldi, com a adesão de novas levas de jovens italianos revolucionários e a liderança do ex-comunardo Amilcare Cipriani, formou uma legião que combateu o exército otomano na batalha de Domokós. A maioria dos legionários italianos já não era mais composta somente de nacionalistas republicanos mazzinianos, mas também de socialistas e, principalmente, anarquistas, como Alessandro Cerchiai, que, aliás, se transferiu para São Paulo tempos depois, tornando-se figura destacada do movimento anarquista no Brasil.

Nacionalismo e internacionalismo têm andado juntos na longa globalização dos séculos XIX e XX. As reflexões de Benedict Anderson es-

timulam explorar as relações entre estes dois movimentos, no sentido da compreensão da sua sinergia histórica, ao contrário do que uma parte da historiografia e da sociologia têm feito, usualmente, ao enfatizar o antagonismo entre eles, numa contraposição entre a idéia de nacionalismo excludente e a de internacionalismo includente.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. **The spectre of comparisons**: nationalism, southeast Asia, and the world. Londres: Verso, 1998.

_____. **Comunidades imaginadas**. Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Nota: ANDERSON, Benedict. **Under three flags**. Anarchism and the anti-colonial imagination. Londres: Verso, 2005.